

Vol 18, Núm 2, jul-dez, 2025 pág. 132-148

**Medicalização e Juventude: Sobre as Intempéries de Ser Jovem no  
Contemporâneo**

**Medicalization and Youth: On the Storms of Being Young in the Contemporary  
World**

**Gabriela Frota de Paula Pessoa<sup>1</sup>**

**Jurema Barros Dantas<sup>2</sup>**

**RESUMO**

No contexto contemporâneo, os jovens parecem impedidos de sofrer, demonstrar fragilidade, vulnerabilidade ou enganos, uma vez que são convocados a todo instante a darem o máximo de si no cotidiano, na busca desenfreada pelo sucesso absoluto e por uma felicidade plena. É nesse contexto que a medicalização parece ganhar destaque, haja vista, a sociedade de forma contínua depositar esperanças em substâncias milagrosas ou no campo das práticas que capturam a vida como patológica, tratando-as como verdadeiras soluções para suas dores e sofrimentos. Essa pesquisa bibliográfica baseia-se em estudo teórico qualitativo, realizado mediante uma revisão integrativa de artigos das plataformas Google Acadêmico e Scielo, com objetivo de gerar discussões e reflexões acerca dos processos que atravessam esse fenômeno na juventude, dentre eles, consumismo, imediatismo e produtividade. Foi possível evidenciar uma crescente banalização da medicalização, confluindo para negligência na visão crítica social sobre sentimentos e vida real. Assim, essa temática apresenta-se de extrema relevância para a sociedade e para Psicologia.

**Palavras-chave:** medicalização, juventude, sofrimento psíquico.

**ABSTRACT**

In contemporary society, young people seem to be prevented from suffering, expressing fragility, vulnerability, or making mistakes, as they are constantly urged to give their utmost in daily life in a relentless pursuit of absolute success and complete happiness. In this context, medicalization appears to gain prominence, as society increasingly places its hopes in miraculous substances or in practices that frame life as pathological, presenting them as true solutions for pain and suffering. This bibliographic research is based on a theoretical qualitative study, conducted through an integrative review of articles from the platforms Google Scholar and SciELO, aiming to generate discussions and reflections on the

<sup>1</sup> Afiliação institucional: Universidade Federal do Ceará E-mail: [gabrielafppessoa@gmail.com](mailto:gabrielafppessoa@gmail.com) ORCID: 0000-0002-2259-6314 Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7360054502456252>

<sup>2</sup> Afiliação institucional: Universidade Federal do Ceará E-mail: [juremabdantas@gmail.com](mailto:juremabdantas@gmail.com) ORCID: 0000-0002-4183-0022 Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3363815650863281>

processes that underpin this phenomenon in youth, including consumerism, immediacy, and productivity. The findings reveal a growing trivialization of medicalization, leading to the neglect of a critical social perspective on emotions and real life. Thus, this topic proves to be highly relevant for both society and the field of Psychology.

**Keywords:** medicalization, youth, psychological suffering

O fenômeno da medicalização refere-se a um processo complexo e multifacetado que envolve um conjunto de práticas, discursos e saberes atravessados por aspectos políticos, culturais, sociais e econômicos que acabam por considerar problemas, por vezes da vida cotidiana, como restritos ao âmbito do adoecimento e, para tanto, conduzidos e tratados sob a égide biomédica. Em termos de retomada histórica, o fenômeno da medicalização não se reduz ao uso e desuso de medicamentos ainda que, na década de 1940 com o surgimento dos psicotrópicos, as discussões no entorno dessa questão tenham ganhado relevo. Paralelo ao contexto desses primeiros medicamentos evidencia-se um aumento desenfreado no número de doenças catalogadas na sexta edição do Código Internacional de Doenças (CID). Assim, marcada pelo impacto da Segunda Guerra Mundial, da lógica diagnosticante, do surgimento da medicina científica e das alterações nos sistemas nacionais de saúde, a sociedade vivenciou o que se pode chamar, conforme Paulo Amarante e Freitas (2017), uma revolução terapêutica, haja vista o vasto crescimento de terapias, com destaque para descoberta de vacinas e importantes medicamentos, engrandecendo, assim, o papel da indústria farmacêutica e da medicina no contexto social e político mundial. No entanto, ainda de acordo com Amarante e Freitas, (2017, p.22) “não se trata simplesmente de uma suposta evolução do saber científico — objetivo, neutro e isento dos interesses e conflitos sociais. Trata-se, sobretudo, do saber médico resultante de processos de construção social de um poder sobre os indivíduos”.

Com efeito, impulsionada por essas revoluções no saber científico, a sociedade começa, então, a creditar suas esperanças nas chamadas “pílulas milagrosas”, tratando-as como verdadeiras soluções para as questões psíquicas tidas como incuráveis (Amarante & Freitas, 2017). Sob essa ótica, inicia-se um forte movimento de êxito, especulações e expectativas para cada descoberta de novos medicamentos,



recaindo, assim, na lógica do reducionismo biológico, evidenciando que o fenômeno da medicalização abrange não só a via de uma patologização, mas também, conforme Silva e Canavêz (2017), de uma suposta saúde ideal.

No Brasil, a cultura da medicalização, mais especificamente, da medicamentação, ou seja, do uso específico de substâncias, ainda é gritante. Com a tardia Reforma Psiquiátrica e a implantação do Sistema Único de Saúde (SUS), a sociedade brasileira vivenciou por muito tempo uma escassez de projetos de apoio psicossocial e uma falta de informação acerca do assunto, de modo que era evidente a hegemonia não só do saber médico, mas dos interesses da indústria farmacêutica e do estado. Com efeito, segundo Amarante e Feitas (2017, p.19),

“produzir doentes e construir seu papel na sociedade são mecanismos fundamentais para a reprodução econômica e política do sistema, pois tal produção gera lucros e garante poderes não apenas aos profissionais da saúde, mas também para outros agentes político-econômicos”, haja vista “o portador de uma determinada doença dá sentido a determinadas representações sociais (cultura), reitera normas de interações existentes (sociedade) e se constitui em sujeito (subjetividade)”.

Assim, é notório a utilização dos medicamentos como forma de um certo controle social. Nesse panorama, o fenômeno exposto vai ganhando papel de destaque na contemporaneidade, período marcado pela ascensão capitalista e pela lógica imediatista e produtiva, cujo regimento último é a lucratividade, onde tudo se transforma em objeto de consumo, inclusive a própria saúde. Sob essa ótica, há uma forte produção de estilos de vida a serem alcançados e de doenças oriundas de cada estilo diferente, uma vez que os indivíduos se tornam “gestores de si” (Sibília, 2003), pois são responsabilizados por tudo que ocorre em suas vidas, problemas, sucessos, fracassos; de modo que estar saudável ou doente também passa a ser mais um dos seus encargos. Nessa perspectiva, nota-se uma revolução nas práticas de saúde que invadem, cada vez mais, a vida cotidiana das pessoas, atingindo lugar privilegiado na contemporaneidade que incentiva a “produção de urgência relativa ao autocuidado, na qual o cliente, ou cidadão comum, é transformado em uma nova espécie de profissional da saúde” (Silva & Canavêz, 2017, p. 120).

Diante de uma sociedade extremamente sobrecarregada, responsabilizada e que impõe a condição de felicidade plena o tempo inteiro, o psicofármaco “aparece como uma solução técnica para eliminar nossas inquietações”, já que

“imperava a convicção de que o mal-estar, bem como o sofrimento de todo gênero, deve ser abolido a qualquer preço. A medicalização da vida tem se tornado cada vez mais, na sociedade ocidental moderna um dos caminhos mais eficientes e rápidos para amenizar o sofrimento psíquico e os problemas que nos assolam cotidianamente” (Dantas, 2009, p. 564).

É evidente, então, a produção de uma existência fragilizada principalmente no público jovem que se apresenta mais influenciável pelo bombardeio midiático, na qual a medicalização começa a abranger o uso abusivo de medicamentos e qualquer recurso terapêutico que capture a vida do indivíduo, vendendo-o a ilusão de que realizar essas práticas, sanará os sofrimentos. Esse raciocínio conflui para uma negligência na visão crítica social sobre os sentimentos e a vida real, de modo que se lança a questão de que o fenômeno da medicalização não é apenas sobre a utilização indiscriminada de medicamentos, mas também do campo das práticas que tornam a vida patológica, pois, conforme Dantas (2015), medicaliza-se não somente a doença, mas os fenômenos inerentes à vida devido a uma negação dessa enquanto processo natural de contínua mudança.

Diante desse contexto, objetivou-se, com essa pesquisa, a realização de uma análise sobre os processos que atravessam o fenômeno da medicalização na juventude contemporânea e sua relação com as lógicas que regem esse contexto, dentre elas, capitalismo, consumismo e produtividade, problematizando possíveis questões envolvendo sofrimento psíquico, pois acredita-se que a compreensão das significações da medicalização nessa fase da vida possibilitará avanços no plano de conhecimento sobre a temática, bem como em uma maior autonomia social diante do bombardeio de influências midiáticas no que concerne às práticas de saúde. Assim, para discutir de modo amplo essa temática, é necessária visitar alguns atravessamentos importantes desse fenômeno, como a forte influência do consumismo e da indústria farmacêutica na população.

### **Medicalização, consumo e indústria farmacêutica**



O consumo e a indústria farmacêutica se tornaram pilares ao se falar dos atravessamentos que a medicalização engloba, logo, é evidente a importância de trabalhá-los com atenção. O fenômeno do consumo se concretizou há muito tempo atrás e foi se desdobrando ao longo das décadas. Na contemporaneidade, o chamado consumismo, ganha palco nas vidas das pessoas ao prometer nada menos que uma vida feliz e imediata. Nessa lógica, conforme Bauman (2008), é coerente trocarmos o famoso dito de Descartes (1637) “penso, logo existo” para “compro, logo sou”, uma vez que o consumo deixou de ser apenas um mero desejo e se tornou um propósito da sociedade capitalista, mantida por esse sistema.

Percebe-se, então, que o “hiperconsumo” (Lipovetsky, 2007) corrobora com o apego ao produto que aparece, muitas vezes, como a própria identidade do sujeito, assim, quando não se possui nada proposto pela indústria, nada se é ou é insuficiente, haja vista que o objetivo das mesmas é justamente a constante insatisfação do indivíduo, pois, assim, o lucro se manterá sempre crescente. Desse modo, o marketing passa a ser uma das estratégias mais valiosas das indústrias, que, com o bombardeio de informações, aumentam, ainda mais, a busca incessante pela felicidade mercantilizada que se remodela a cada dia, fazendo jus à chamada “cultura agorista” (Stephen Bertman), retratando o imediatismo, onde tudo se deve ter/fazer para ontem.

Nessa lógica, não basta apenas possuir, mas é preciso mostrar para ser ou se sentir parte de algo, quase como uma necessidade da aprovação do outro, quando nada mais é do que mais uma estratégia de mercado para aumentar os consumidores daquele nicho. Conforme Debord (1997), o espetáculo é uma maneira de organização da sociedade em que a realidade é pobre e fragmentária, e os sujeitos são obrigados a apreciar e consumir passivamente as imagens de tudo o que está em falta em sua existência real. Sob essa ótica, é notório que todos esses mecanismos de funcionamento da sociedade se complementam para favorecer, cada vez mais, uma certa dependência do indivíduo ao consumo. É atravessado por esse jogo de mercado e poder, que a medicalização aparece como mais um produto a ser consumido, consolidando certo estilo de vida.

Desse modo, para que se possa entender e estudar os atravessamentos do mercado em sua plenitude, é necessário reconhecer a sua força, que adentra as questões políticas e culturais numa perseguição de poder, consequenciando na

objetificação do ser humano, que aparece não mais como apenas o consumidor, mas também como o próprio produto. É, então, na chamada “sociedade líquida” (Bauman, 2001) onde tudo se transforma rapidamente, que se esbarra na patologização da vida como mais uma estratégia de venda, logo, saúde e doença começam, também, a serem postos nas vitrines.

É nesse contexto que a indústria farmacêutica ganha ainda mais domínio na sociedade capitalista pois, por se tratar de um ramo extremamente importante para a saúde da população, há muito controle social, poder e lucro envolvido. De acordo com o que Marcia Angell (2007) traz em seu livro “A verdade sobre os laboratórios farmacêuticos”, não é novidade que os gastos com a saúde, em especial, com os medicamentos, constituem uma das maiores crescentes da conta de pagamentos dos indivíduos, evidenciando um aumento no uso de drogas nos últimos anos. Grande parte dessa realidade se deve, ainda segundo Angell (2007), aos gastos exorbitantes com o marketing, deixando para trás os setores de pesquisa e desenvolvimento que constituem uma parcela relativamente pequena dos orçamentos. Essa proposta de propaganda em massa é mascarada por uma publicidade fantasiada de “educação” acerca dos medicamentos, cujo objetivo é influenciar não só o público, mas, principalmente, os médicos, que são os responsáveis pelas prescrições. Assim, é possível a produção de uma verdadeira enxurrada de propagandas farmacêuticas, nas quais são compostas, geralmente, por pessoas bonitas, felizes e se divertindo, construindo um ideal ilusório da ação dos medicamentos como fonte de resolução de problemas. E é nessa realidade perversa que a indústria farmacêutica utiliza do seu poder para agregar cada vez mais instituições que possam facilitar o seu caminho, a exemplo disso estão os patrocínios para diversas campanhas políticas (Angell, 2007).

Toda essa discussão proposta não contradiz, nem desmerece, o papel de suma importância dos medicamentos na área da saúde. É evidente que em diversos casos eles proporcionam e são necessários para uma melhor qualidade de vida de indivíduos. Porém, o que se busca com esse tópico é trazer aspectos primordiais que atravessam o fenômeno da medicalização, possibilitando uma análise ampla do fenômeno no público jovem e reflexões a respeito da relevância de uma conscientização da população acerca da visão ideal de medicamentos não como uma

fonte de resoluções de problemas, mas como uma das ferramentas possíveis de utilização dentro de um processo de sofrimento psíquico.

## Metodologia

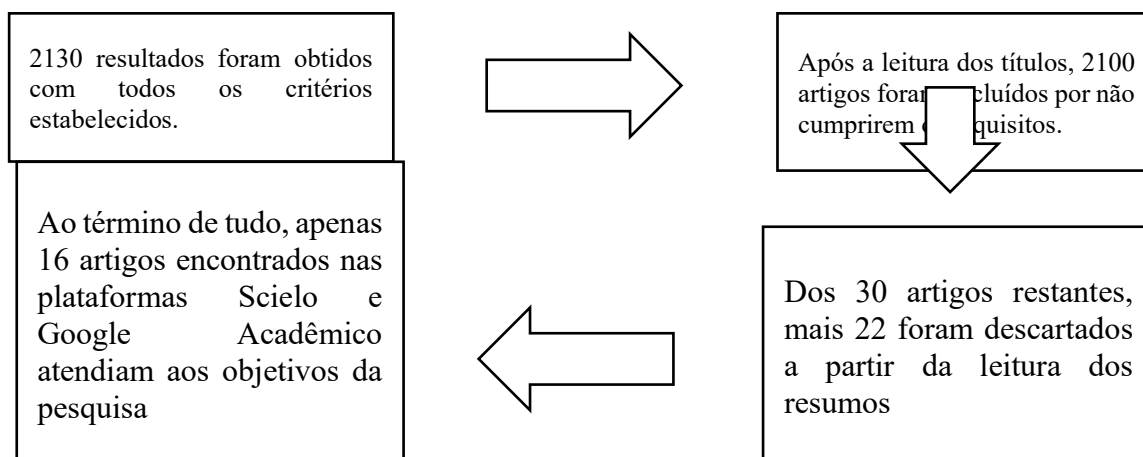
Para atingir o objetivo proposto, foi realizado um estudo de cunho qualitativo mediante uma revisão integrativa da literatura. A escolha por tal modalidade de revisão se deu por percebê-la como recurso rigoroso de pesquisa que possibilita uma visão ampla dos fenômenos e a interlocução dos achados, proporcionando a realização de uma análise mais completa acerca dos processos que atravessam o fenômeno da medicalização na juventude contemporânea.

De acordo com Souza, Silva e Carvalho (2010, p. 103), “a revisão integrativa, finalmente, é a mais ampla abordagem metodológica referente às revisões, permitindo a inclusão de estudos experimentais e não-experimentais para uma compreensão completa do fenômeno analisado”. Desse modo, ela se caracteriza pelo levantamento de estudos a partir da temática determinada pelo pesquisador, enriquecendo o trabalho em construção, uma vez que há a inclusão de conteúdos de campos teóricos distintos.

Assim, a presente revisão integrativa foi realizada através das plataformas virtuais Scientific Eletronic Library Online (Scielo) e Google Acadêmico. A busca se deu a partir do descritor “medicalização e juventude brasileira” e dos filtros para artigos apenas em língua portuguesa e publicados nos últimos dez anos (2015-2024), uma vez que o resultado inicial foi muito extenso, chegando-se aos seguintes resultados:

### Figura 1

*Fluxograma das fases realizadas para se chegar ao objetivo final.*





Fonte: Autoras

## Tabela 1

*Apresentação dos artigos utilizados, seus títulos, autores, campos de conhecimento, regiões do país, delineamento do estudo e ano.*

| Nº | Título  | Autor  | Campo de conhecimento | Região do país | Delineamento do estudo            | Ano  |
|----|---|--|-----------------------|----------------|-----------------------------------|------|
| 01 | Neoliberalismo, finitude humana e medicalização   | Diana Pichinine  | Ciências Sociais      | Nordeste       | Estudo teórico-crítico            | 2024 |
| 02 | Medicalização da subjetividade e fetichismo psicofármaco: uma análise dos fundamentos   | Jarbas Oliveira, Fillipe Cavalcanti, Sóstenes Ericson                | Saúde                 | Sudeste        | Estudo teórico                    | 2024 |
| 03 | A psicanálise, a cura e a medicalização da vida no cenário contemporâneo do tratamento dos transtornos mentais                              | Christiane Carrijo, Maria Beatriz Bueno Domingues                    | Psicopatologia        | Sudeste        | Estudo exploratório               | 2024 |
| 04 | Caminhos plurais de cuidados com a saúde: medicalizações do simbólico   | Gabriel Bandeira Cantu, Eneida Santiago, Sonia Regina Vargas Mansano | Ciências sociais      | Sudeste        | Estudo teórico                    | 2023 |
| 05 | A medicalização do sofrimento psíquico na cultura do hiperconsumo   | Marcio Acselrad, Davi Barros Tavares.                                | Psicologia            | Nordeste       | Estudo teórico-bibliográfico      | 2022 |
| 06 | A banalidade do mal psicofarmacológico em tempos de performance   | Maicon Cunha   | Psicologia            | Sudeste        | Estudo genealógico                | 2021 |
| 07 | Modos de subjetivação e discurso psiquiátrico: implicação e repercussão do diagnóstico psiquiátrico na construção de identidade do sujeito. | Cristiane Davina Redin Freitas. Bruna Reuter                         | Saúde                 | Sudeste        | Pesquisa qualitativa exploratória | 2021 |
| 08 | Epidemia das drogas psiquiátricas: tipologias de uso  | Rodrigo Alvarenga, Marcelo Kimati Dias                               | Psicologia            | Nordeste       | Estudo teórico-reflexivo          | 2021 |





|    |   |  |                       |          |                                    |      |
|----|---|--|-----------------------|----------|------------------------------------|------|
| 09 | Novos modos de vigiar, novos modos de punir   | Maria Aparecida Affonso Moysés, Cecília Azevedo Lima Collares  | Ciências da educação  | Sudeste  | Estudo teórico-reflexivo           | 2020 |
| 10 | Aprimoramento cognitivo farmacológico: motivações contemporâneas                                    | Solange Franci Raimundo Yaegashi, Robson Borges Maia, Rute Grossi Milani, Nilza Sanches Tessaro Leonardo       | Psicologia            | Sul      | Estudo teórico descritivo          | 2020 |
| 11 | Trabalho, medicalização e pilhagem: o negócio da vida   | João Henrique Santana Stacciarini, Eguimar Felício Chaveiro, Ronan Eustáquio Borges                            | Geografia do trabalho | Sudeste  | Estudo teórico                     | 2020 |
| 12 | Sofro, logo me medico: a medicalização da vida como enfrentamento do mal-estar                      | Amanda Corrêa Rocha, Nathália da Silva Barrios, Paulo Daniel da Silva Rolim, Marcele Pereira da Rosa Zucolotto | Psicologia            | Nordeste | Pesquisa bibliográfica qualitativa | 2019 |
| 13 | O uso da ritalina e as dificuldades da aprendizagem   | Daniela Natividade   | Interdisciplinar      | Sudeste  | Estudo teórico                     | 2019 |
| 14 | Os “inconvenientes” na escola: medicalização de crianças e jovens e suas estratégias de resistência | Patrícia de Paulo Antoneli, Marcos Roberto Vieira Garcia   | Ciências da educação  | Sul      | Estudo de caso                     | 2018 |
| 15 | Medicalização: uma crítica (im)pertinente?  | Sérgio R. Carvalho, Camila de O. Rodrigues, Fabrício D. da Costa, Henrique S. Andrade                          | Saúde Coletiva        | Sudeste  | Dissertação crítico-reflexivo      | 2015 |

---

|    |   |  |                |         |                |      |
|----|---|--|----------------|---------|----------------|------|
| 16 | Apontamentos críticos sobre estigma e medicalização à luz da psicologia e da antropologia | Lygia de Sousa Viégas, Rui Massato Harayama, Marilene Proença Rebello de Souza | Saúde Coletiva | Sudeste | Estudo teórico | 2015 |
|----|---|--|----------------|---------|----------------|------|

*Fonte: Autoras*

### **Resultados e Discussão: Medicalização e seu diálogo com a juventude brasileira**

A partir da realização da revisão integrativa foi possível chegar a um total de 16 artigos que contemplavam os objetivos da pesquisa e que, de alguma forma, conversavam entre si, contribuindo para as discussões e reflexões acerca do fenômeno da medicalização na juventude e seus múltiplos atravessamentos. Diante dos resultados, torna-se evidente que a medicalização diz respeito à atribuição de um caráter patológico a questões de natureza sociocultural. Percebe-se que esse fenômeno ultrapassa a mera hegemonia do saber médico e atravessa cotidianamente os sujeitos, por meio do bombardeio constante de informações oriundas de diversas áreas da saúde que regulam o que se deve ou não fazer para manter uma vida considerada “saudável”. Nessa lógica, a busca incessante por normalidade e bem-estar contribui para o aumento dos índices de adoecimento psíquico. As amarras da patologia da vida, sob o olhar da medicalização, não escolhem idade, gênero ou classe, tornando todos passíveis de serem capturados por essa lógica em algum momento.

É nesse cenário que a juventude brasileira aparece como um dos públicos mais afetados por esse processo. Os chamados jovens adultos — aqui compreendidos na faixa entre 19 e 29 anos — atravessam uma fase marcada por intensas transformações: entrada no mercado de trabalho, escolha profissional, busca por independência financeira e definição de novos papéis sociais. Essa transição para a vida adulta carrega o peso da urgência e do desconhecido, muitas vezes sem o devido suporte psíquico ou social. Como apontam Camarano, Mello, Pasinato e Kanso (2004), trata-se de um processo complexo, que envolve não apenas formação e



inserção profissional, mas também a articulação entre instituições, socialização e subjetividade.

A sociedade contemporânea, marcada por valores imediatistas, produtivistas e consumistas, apresenta ao jovem um ideal de felicidade inatingível. Nesse contexto, a medicalização, segundo Freitas e Reuter (2021, p. 4), “provém de um pensamento que utiliza meios de correção e transformação dos indivíduos, determinando modos de vida e comportamentos, ao mesmo tempo que, no interior da sociedade, introduz uma distinção entre o normal e o patológico”. Todo sofrimento, então, passa a ser algo a ser eliminado — nunca escutado — e a dor é vista como sinal de falha individual.

Acselrad e Tavares (2022) destacam que essa lógica é retroalimentada pelos valores do hiperindividualismo e da negação do sofrimento, centrais na cultura do hiperconsumo. Em um cenário de colapso das instituições tradicionais, os sujeitos recorrem à medicalização como estratégia rápida para suprimir os efeitos do mal-estar. A consequência é o silenciamento da subjetividade e a substituição da escuta pela medicação.

Carrijo e Domingues (2024) aprofundam essa crítica ao denunciarem a substituição do sofrimento subjetivo por um modelo farmacológico de correção. A psiquiatria biológica, segundo as autoras, reduz o sintoma a um desequilíbrio neuroquímico, eclipsando a história e singularidade do sujeito. Na contramão, a psicanálise reconhece no sintoma uma formação de compromisso que demanda elaboração, e não supressão.

Ampliando essa discussão, o estudo de Oliveira, Cavalcanti e Ericson (2024) revela como o sofrimento psíquico é capturado pela lógica de mercado, transformando-se em mercadoria e consumo. A medicalização, nesse caso, não é um fenômeno apenas clínico, mas estrutural e ideológico: ela opera para manter o status quo do sistema capitalista ao reduzir o sofrimento humano a um ruído que precisa ser neutralizado.

É dentro desse sistema, que “as relações de poder e produção de subjetividade se fazem presentes na prática médica e influenciam o modo como os indivíduos adotam determinadas formas de viver, pensar e se comportar, produzindo, a partir disso, o real” (Carvalho, Rodrigues, Costa & Andrade, 2015, p. 1259). Agora, a lucratividade se dá a partir do desmantelamento da qualidade de vida (Borges et al.,

2020) e, por isso, deve ser feita uma reflexão acerca da maneira como o jovem responde a essa lógica contemporânea da performance e da conquista e de que modo todos esses atravessamentos empobrecem os caminhos desse público enquanto sujeito de singularidade.

Contudo, a compreensão da medicalização não deve se limitar a essa crítica biomédica. O estudo de Cantu, Santiago e Mansano (2023) oferece uma ampliação fundamental ao problematizar a hegemonia do discurso médico-científico ocidental e propor a valorização de outras formas de cuidado e compreensão do adoecimento. A partir de uma abordagem teórica apoiada na psicologia social e na antropologia da saúde, os autores propõem o conceito de “medicalizações do simbólico” — práticas terapêuticas que emergem de saberes coletivos, ancestrais, afetivos e culturais, como rituais, rezas, banhos de ervas e benzimentos.

Essas práticas, ainda muito presentes em comunidades tradicionais e até em contextos urbanos, reconhecem o sofrimento como processo relacional e coletivo, integrando corpo, cultura, espiritualidade e história. Diferentemente da medicalização hegemônica, que individualiza e patologiza, as medicinas do simbólico atuam por meio da eficácia simbólica (Lévi-Strauss, 1975), legitimando modos de existência plurais. Elas representam formas de resistência às estratégias de apagamento impostas pelo discurso biomédico e se colocam como alternativas possíveis — e legítimas — de cuidado.

Para os jovens, frequentemente silenciados por diagnósticos que não os escutam, essas formas de cuidado podem oferecer acolhimento real, ao reconhecerem o sofrimento como parte da travessia subjetiva e não como falha a ser corrigida. Nesse sentido, pensar a medicalização da juventude brasileira exige também abrir espaço para o reconhecimento dessas práticas e saberes plurais que convivem com — e muitas vezes resistem a — o modelo dominante.

Por fim, a análise crítica da medicalização não se encerra na denúncia do uso indiscriminado de psicofármacos, mas se expande para o reconhecimento da disputa de sentidos sobre o que é saúde, sofrimento e cuidado. A juventude, ao ser capturada pelas promessas de performance e felicidade do neoliberalismo, encontra na medicalização uma resposta rápida — mas empobrecedora — às dores existenciais. Recolocar o sujeito no centro da escuta, valorizar a processualidade do sofrimento e



reconhecer práticas terapêuticas diversas são caminhos éticos e políticos para resistir à normatização da vida.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao final da pesquisa, constata-se que os discursos promovidos pelas indústrias farmacêuticas, pelo saber médico hegemônico e pelas práticas de saúde, articulados às lógicas do capitalismo contemporâneo, afetam diretamente o modo de ser dos indivíduos. Muitas vezes influenciadas por mídias e estratégias de consumo, essas práticas sustentam a ideia de que sofrimento, frustrações e dificuldades devem ser eliminados a qualquer custo, o que contribui para o uso cada vez mais frequente de medicamentos como forma rápida de alívio.

Nesse cenário, a juventude torna-se alvo privilegiado da medicalização, especialmente quando atravessada por exigências de desempenho, metas inatingíveis e cobrança por uma imagem idealizada de sucesso. A pressão constante por produtividade e estabilidade promove uma experiência de vida impessoal e fragmentada, na qual a singularidade é ofuscada por padrões normativos.

A medicalização, assim, ultrapassa a dimensão do uso de psicofármacos, tornando-se uma estratégia de controle subjetivo, capaz de silenciar angústias e padronizar comportamentos. Diante disso, destaca-se a necessidade de ampliar o debate sobre saúde e cuidado, sem desqualificar os medicamentos, mas reconhecendo sua inserção em uma lógica biopolítica que exige crítica e resistência.

Em um contexto marcado por competitividade, desigualdades e imperativos de felicidade, a juventude sofre com o esvaziamento de sentido nas experiências subjetivas. A expansão de farmácias e a exposição crescente de produtos refletem esse cenário, onde o sofrimento é rapidamente transformado em transtorno, e o mal-estar, em diagnóstico.

Problematizar esse fenômeno implica repensar a medicalização não como oposição à medicina, mas como convite à escuta sensível, à autonomia e à despatologização da vida. É preciso resgatar a legitimidade das dores e desconfortos, entendendo-os como parte constitutiva da existência, e promover práticas desmedicalizantes que valorizem a singularidade e possibilitem outros modos de viver e cuidar.

## REFERÊNCIAS

- Alvarenga, R. & Dias, M. K. Epidemia das drogas psiquiátricas: tipologias de uso na sociedade do cansaço. *Psicologia & Sociedade* [online]. 2021, v. 33. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1807-0310/2021v33235950>>. Acessado em: 10 Dez 2021. ISSN 1807-0310. <https://doi.org/10.1590/1807-0310/2021v33235950>.
- Angell, M. *A verdade sobre os laboratórios farmacêuticos*. Rio de Janeiro/São Paulo: Editora Record; 2007.
- Antoneli, P. & Garcia, M. Os “inconvenientes” na escola: medicalização de crianças e jovens e suas estratégias de resistência. *Rev. Perspectiva*, Florianópolis, v. 36, n. 2, p. 664-686, abr./jun. 2018. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/perspectiva/article/view/2175-795X.2018v36n2p664/pdf>>. Acesso em: 20 Mar. 2021.
- Bauman, Z. *A Vida para o consumo: a transformação das pessoas em mercadoria*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008
- Bauman, Z. *Modernidade Líquida*. Tradução: Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- Bertman, S. *Hipercultura: o preço da pressa*. Tradução Ana André. Lisboa: Instituto Piaget, 1998.
- Camarano, A., Mello, J.; Pasinato, M., & Kanso, S. Caminhos para a vida adulta: as múltiplas trajetórias dos jovens brasileiros. *Última década*. Santiago, v.12, n.21, p.11-50, dic. 2004. doi: 10.4067/S0718-22362004000200002.
- Carvalho, S., Rodrigues, C., Costa, F., & Andrade, H. Medicalização: uma crítica (im) pertinente? *Physis*, Rio de Janeiro, v. 25, n. 4, pág. 1251-1269, dezembro de 2015. doi:10.1590/S0103-73312015000400011.
- Conselho Federal de Psicologia. 2011-2013. *Cartilha: não medicalização da vida*.
- Conrad, P. *The medicalization of society: on the transformation of human conditions into treatable disorders*. Baltimore: The Johns Hopkins University Press, 2007.
- Conrad, P. *Medicalization and social control*. *Annu. Rev. Sociol.*, v.18, (August), p.209-32, 1992.
- Cunha, M. A banalidade do mal psicofarmacológico em tempos de performance. *Psicologia USP* [online]. 2021, v. 32. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/0103-6564e200052>>. Acesso em 15 Out 2021. ISSN 1678-5177. <https://doi.org/10.1590/0103-6564e200052>.



- Dantas, J. Medicalização e devir: impasses existenciais na era da técnica. *Fenomenologia & Psicologia*, São Luís, v.3, n.1, p.12-28, 2015. Disponível em: <  
<http://www.periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/fenomenopsicol/article/view/4149>> Acesso em: 26 mar 2021.
- Dantas, J. Tecnificação da vida: uma discussão sobre o discurso da medicalização da sociedade. *Fractal, Rev. Psicol.*, Rio de Janeiro, v. 21, n. 3, p. 563-580, Dec. 2009. doi:[10.1590/S1984-02922009000300011](https://doi.org/10.1590/S1984-02922009000300011)
- Debord, G. *A sociedade do espetáculo: comentários sobre a sociedade do espetáculo*. Trad. Estela dos Santos Abreu. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.
- Descartes, R. Tradução: D. Weissman e W. T. Bluhm. *Discourse on method and Meditations on first philosophy*. New Haven, Conn.: Yale University Press, 1996.
- Freitas, C. D. R. & Reuter, B. Modos de subjetivação e discurso psiquiátrico: implicação e repercussão do diagnóstico psiquiátrico na construção de identidade do sujeito. *Saúde e Sociedade* [online]. 2021, v. 30, n. 1. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0104-12902021200172>>. Acesso em: 15 Out 2022. ISSN 1984-0470. <https://doi.org/10.1590/S0104-12902021200172>.
- Freitas, F., e Amarante, P. *Medicalização em psiquiatria*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2015. 148p. isbn: 978-85-7541-472-9.
- Illich, I. *A expropriação da saúde: nêmesis da Medicina*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1975.
- Associação da Indústria Farmacêutica de Pesquisa. 2020. *Guia INTERFARMA*. Disponível em: <<https://www.interfarma.org.br/>>. Acesso em: 25 mar 2021.
- Kehl, M. A juventude como sintoma da cultura. In: Novais, Regina & Vannuchi, Paulo (orgs.). *Juventude e sociedade: trabalho, educação, cultura e participação*. São Paulo, Perseu Abramo, 2004.
- Lipovetsky, G. *A felicidade paradoxal: ensaio sobre a sociedade de hiperconsumo*. São Paulo, Companhia das Letras, 2007.
- Natividade, D. O uso da ritalina e as dificuldades da aprendizagem. *Episteme Transversalis*, [S.l.], v. 10, n. 2, ago. 2019. ISSN 2236-2649. Disponível em: <<http://revista.ugb.edu.br/ojs302/index.php/episteme/article/view/1342>>. Acesso em: 21 mar. 2021.
- Moysés, M., e Collares, C. Novos modos de vigiar, novos modos de punir: A patologização da vida. *Rev. Educação, Sociedade & Culturas*, São Paulo, n. 57, p. 31-44, 2020. Disponível em: <<https://www.fpce.up.pt/ciie/sites/default/files/3%20Maria%20Moyse%E2%95%A0%C3%BCs%20%26%20Ceci%E2%95%A0%C3%BClia%20Collares.pdf>>. Acesso em: 20 Mar 2021.





- Rocha, A., Barrios, N., Rolim, P., & Zucolotto, M. Sofro, logo me Medico: A Medicalização da Vida como Enfrentamento do Mal-Estar. *Id on Line Rev. Mult. Psic.*, Pernambuco, v.13, n. 46, p. 392-404, 2019. doi:[10.14295/online.v13i46.1854](https://doi.org/10.14295/online.v13i46.1854)
- Sibília, P. *O homem pós-orgânico: corpo, subjetividade e tecnologias digitais*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2003.
- Silva, L., e Canavêz, F. Medicalização da vida e suas implicações para a clínica psicológica contemporânea. *Rev. Subj.*, Fortaleza, v.17, n.3, p.117-129, dez. 2017. doi:10.5020/23590777.rs.v17i3.5813
- Souza, M., Silva, M., & Carvalho, R. Revisão integrativa: o que é e como fazer. *Einstein* (São Paulo), São Paulo, v.8, n.1, p.102-106, Mar. 2010. Doi:[10.1590/S1679-45082010RW1134](https://doi.org/10.1590/S1679-45082010RW1134)
- Stacciarini, J., Chaveiro, E., & Borges, R. Trabalho, Medicalização e Pilhagem: o negócio da vida. *Rev. Pegada*, São Paulo, vol. 21, n. 1, p. 33-51, Mar. 2020. doi:[10.33026/peq.v21i1.6919](https://doi.org/10.33026/peq.v21i1.6919)
- Viegas, L., Harayma, R., & Souza, M. Apontamentos críticos sobre estigma e medicalização à luz da psicologia e da antropologia. *Ciênc. saúde coletiva*. Rio de Janeiro, v.20, n.9, p.2683-2692, set. 2015. doi:10.1590/1413-812320152009.08732015.
- Yaegashi, S., Maia, R., Milani, R., & Leonardo, N. Aprimoramento cognitivo farmacológico: motivações contemporâneas. *Psicol. Estud.*, Maringá, v. 25, e. 46319, 2020. doi:10.4025/psicoestud.v25i0.46319.

**Submetido: 14/06/2025.**

**Aprovado: 25/06/2025**

**Publicado:**

**01/07/2025**

**Autoria:**

**Gabriela Frota de Paula Pessoa**

Afiliação institucional: Universidade Federal do Ceará

E-mail: [gabrielafppessoa@gmail.com](mailto:gabrielafppessoa@gmail.com)

ORCID: 0000-0002-2259-6314

Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7360054502456252>

Endereço completo: Rua Tomás Acioli, 1620



**Jurema Barros Dantas**

Afiliação institucional: Universidade Federal do Ceará

E-mail: [juremabdantas@gmail.com](mailto:juremabdantas@gmail.com)

ORCID: 0000-0002-4183-0022

Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3363815650863281>

Endereço completo: Av. da Universidade, 2762